

O problema que nós tivemos com libertações é o problema de O/R. Nós também tínhamos muitos dados desconhecidos a toda a extensão do banco. Buda cometeu o mesmo erro, não estando consciente da existência do banco ou da mente, há 2500 anos atrás. Há 10.000 anos atrás, havia um monge chamado Dharma. Dharma cometeu o erro de acreditar que não haveria mais do que tornar-se sábio. Dele vem a assunção filosófica básica de que ficando sábio, você fica livre. Isto está na trama e urdidura da cultura de hoje. A ideia de que um indivíduo pode exteriorizar, e que fazendo-o ele pode ficar livre, fazia parte do ensino de Gautama Siddhartha Buda. Isso ainda não faz parte da cultura popular, logo nós estamos ligeiramente à frente do nosso tempo. Parece levar 10.000 anos para essas ideias (por exemplo a ideia de Dharma acima) se tornar central a uma cultura, logo a ideia de Buda (ver acima) tem 7500 anos para o fazer, e a Cientologia, na mesma escala de tempo, tem 10.000 anos, menos 16 para isso.

Em outras zonas do universo, a existência da mente é conhecida. Na Confederação Galáctica têm uma psicoterapia que consiste de um reconhecimento do facto que, num momento de acidente fatal de um thetan, é feita uma imagem. Contudo, eles pensam que é uma localização, e não uma imagem. Eles tiram uma fotografia da localização onde o thetan foi ferido e mostram-lha a ele com um filme tipo claquete estampilhada na frente dessa imagem. Então o thetan deve dar-lhe seguimento fazendo o mesmo à sua imagem, e assim ficar livre dos seus efeitos. Essa é a sua forma de fazer libertos. Essa terapia é ministrada aos libertos dessa sociedade que passam para OTs. Eles são OTs libertos. Isso é a outra terapia mais próxima da Cientologia. A concentração de hoje na educação, universidades, etc., é um resultado das ideias de Dharma sobre sabedoria: a ideia de que educação conduz a liberdade, de que não se pode ter liberdade e ignorância. Ele passou um mau bocado. Há 10.000 anos atrás o Homem era mais animal do que é hoje, logo era mais difícil para Dharma comunicar com ele. [É interessante que a educação é uma consequência de um desejo de sabedoria. Daí que a Cientologia está nesta linha mestra. Este seria um tópico interessante para uma conferência ou capítulo de um livro: a alienação da sabedoria na educação]. Foi um avanço formidável passar, através dos selvagens deste planeta, a ideia de ficar liberto ficando sábio, há 10.000 anos atrás. Esta ideia é agora tão amplamente aceite que a segunda maior despesa dos impostos, depois do exército, é para educação. No tempo de Dharma havia o conhecimento de que a liberdade era atingível, mas não existia a tech. 7.500 anos mais tarde, Buda descobriu a exteriorização. Gautama Siddhartha Buda exteriorizou sob uma árvore Bodhi (da sabedoria). Ele pensava que isso se fazia ficando sábio. Uma das outras ideias de G.S Buda era que teria que se ser civilizado e cortês. E o Budismo civilizou três quartas partes da Ásia. Mas a exteriorização não era geralmente fazível em alto grau. Os Lamas Tibetanos juntaram-se mais tarde e esquilaram ao tentar desenvolver uma explicação da exteriorização ou uma tecnologia para efectuar a exteriorização.

Nós somos os ganhadores desta história, na medida em que há uma história e aceitação da ideia de que a alma existe. O nosso ganho é que a ideia da alma foi muito tempo aceite por muitos. A ideia de que há uma alma que vai para algures depois da morte dominou os pensamentos Greco-romano e Maometano durante 2000 anos. Sócrates originou esta ideia na presente tradição filosófica. Há uma tradição verbal sobre Sócrates na Grécia em que Sócrates expôs a existência de um ser pessoal ou thetan. O Budismo avançou no Oeste através do Essénios e Cristandade. Mais tarde, o Credo de Niceia desenvolvido a partir dos Pergaminhos do Mar Morto. Cem anos depois do seu desenvolvimento foi avançado por Jesus de Nazareth, “uma actividade com uma filosofia já existente”. A Igreja Cristã tem hoje que combater o facto embaraçoso de que os Pergaminhos do Mar Morto precedem Cristo e ainda contêm o Novo Testamento. Isto é apenas o avanço do Budismo no Mundo Ocidental. Cristo estudou no Oriente durante trinta anos. Quando as ideias de Gautama Siddhartha Buda partiram da Índia através da Grécia, Espanha, Irlanda, etc., elas foram alteradas para: “o Homem tem uma alma, mas isso está ‘além’ e pertence a Deus, etc”. O pensamento de Buda tornou-se irreconhecível. Nunca antes houve um Claro, mas apenas libertos. O mais que foi alcançado por quaisquer destas anteriores filosofias foi a libertação:

1. Dharma: Liberto por sabedoria.
2. Budismo: Liberto por exteriorização.
3. Cristianismo: Liberto por arrependimento e bondade.

Em Cientologia nós apenas deixamos que Bodhi (isto é, exteriorização) aconteça. Nem sequer é assim tão significativo para nós, porque nós procuramos um estado permanente. Contudo, se, no curso da audição alguém fica exterior, você pára aí mesmo. Se continuar, você chuta-o de volta para o corpo e banco dele, e ele ficará de ARC quebrado. Um PC exterior está numa harmónica de OT, mas não pode ter isso. Ele teve um monte de perdas no passado, más experiências como mortes associadas a exteriorização e muito em breve saltará para dentro, assustado. Não é competente para vencer isso. Ele não está pronto para isso.

Você pode tomar alguém que esteve insano e torná-lo totalmente são exteriorizando-o. Também pode ter alguém a sair e voltar a entrar, e nunca saber disso. A fórmula para fazer alguém saltar fora é: “Tenta não ficar a um metro da tua cabeça”.

O Budismo propagou-se como fogo, porque era uma verdade tão clara. Num ataque rápido nós capitalizámos na ideia de que um homem melhorado fica livre. Nós trouxemos para vinte segundos o esforço de vinte anos de Budismo para exteriorizar. Descobrimos o que impediu da perfeição os esforços de Dharma e o que barrou o Budismo numa cultura que só aceita a ideia de Dharma, mas ainda não a de Buda. Não seja desencorajado por fracassos em obter aceitação instantânea da Cientologia. Mas note também que missionários anteriores tinham banco e por isso não tinham uma pura versão da verdade que eles estavam a propagar. Os Cristãos civilizaram as coisas um pouco, mas havia demasiadas vias para obter com o Cristianismo os muito bons resultados: de Buda, através de Sócrates, através da forma original de Cristianismo, através do Cristianismo organizado, através das várias discussões do Cristianismo. O Budismo propagou-se mais rapidamente do que o Cristianismo porque as ideias de Buda estavam mais próximas das de Dharma. Buda estava a capitalizar na ideia de Dharma segundo a qual a sabedoria o liberaria, o que era aceitável para a sua sociedade. Isso acarretava a implicação de que era possível ser livre. A Ásia sabia que havia uma possibilidade do Homem ficar livre, uma mensagem muito difícil de fazer passar.

“Não importa como a informação é transmitida, se é que é transmitida, e é verdade, ela ganhará raiz”. Logo a Cientologia não levará realmente 10.000 anos a comunicar. Será mais como cinquenta anos, no máximo, dada a rapidez com que o Budismo civilizou Ásia e Japão.

E dados:

1. Os resultados que nós podemos produzir.
2. As Comunicações modernas.
3. As condições ligeiramente mais selvagens de há 2500 anos atrás. “Se precisar de meio século para pôr a Cientologia aí à volta, você é realmente lento, homem! Note que eu disse, ‘você!’”

Quando primeiro aborda um ser, então você está a capitalizar na doutrinação passada e credo do ser. Você tem que levar isto em conta. A Magna Carta é um resultado directo da educação em Dharma, através da igreja. A guerra civil espanhola de 1936 também foi o resultado da filosofia de Dharma, porque na década logo antes da guerra foram introduzidos os livros de bolso. As pessoas liam as filosofias francesa e inglesa e obtinham a ideia de que, agora que sabiam alguma coisa deveriam ser livres. Eles na verdade resistiram entretanto à liberdade, logo a coisa contra-explodiu. Onde você falha na disseminação é onde encontra alguém que não tem esta assunção. As pessoas têm que aprender que

os indivíduos deverão ser livres ou educados. Um governo que poupa na educação, ou é um dos que não ouviu falar da filosofia de Dharma, ou que suprime esta filosofia por medo.

No Oeste, fala-se a uma pessoas Cristã que infelizmente pensa na alma como um artigo possuído com o qual eles não deveriam brincar. Eles ficam aturdidos só em pensar em alguém exteriorizar. Eles não estão “realmente com a ideia de Buda, [embora] eles tenham [obtido a ideia de] Dharma”. Tais pessoas foram além de Dharma, mas não alcançaram Buda. É a essas pessoas que você está a tentar ensinar a Cientologia. Logo não entre por cima das suas cabeças. Felizmente elas concordam com a Escala de Gradação de Libertação. Elas compreendem a ideia de Claro, como alguém que não tem barreiras ao seu pensamento, ou á liberdade da sua mente. Mas não compreenderão exteriorização, que está no reino do OT. Assim fale do Claro, mas não fale do OT. atalho

Há muitos atalhos que você lhe poderia ensinar. A Dianética não é o mais curto. Só um público relativamente iluminado aceitará a Dianética. O público compreenderá a ideia de libertação em comunicação como alguém que se liberta das suas barreiras à comunicação. Eles podem obter a ideia de que uma pessoa pode comunicar melhor, de que uma pessoa pode ser liberta de uma inabilidade para comunicar. Um wog que não pode comunicar pensará que a libertação de comunicação é fantástica para gogos e crianças atrasadas, etc. Em suma, pensa que é fantástica para os outros. Mas ele comprará a ideia. Com problemas é o mesmo. Um wog comprará a ideia de que “o Homem estaria melhor se pudesse manejar problemas”, e assim por diante, linha acima. Há uma alta probabilidade de que fará uma conexão, algures. A ideia de que a sabedoria conduz a liberdade é básica nesta cadeia. Ela “liberta um homem do encarceramento por ignorância e isso é a sua primeira [forma de] libertação. Ensine uma pessoa que se ela aprender alguma coisa será mais livre, e será “liberta da ideia de que ela não pode saber”. Esta é a primeira fase de libertação. Você faria bem discutir com pessoas na base desta primeira premissa: o fundamento de Dharma, porque a ideia de Dharma é a antepassada directa da Cientologia. Há um nível inferior de libertação, um que usaria ao processar animais. É a ideia de que um animal pode comunicar uma ideia a outro animal. Isto não é comunicação.

“Você tem que reconhecer que está dentro de alguma coisa antes de poder sair dessa coisa”. Isso é a dificuldade principal de comunicar níveis de libertação. E as pessoas (os Psicólogos, etc.) “não estão conscientes da mente. Eles vêem outro sujeito. Não vêem mente alguma.... Logo eles dizem que não há coisa tal como uma mente”, só um cérebro, o qual pode ser visto. Mas de facto o cérebro é só tipo um neuro-amortecedor de choque.

Olhar a Cientologia como uma “filosofia” é agradável às pessoas. Quando coloca isso deste modo, você está de acordo com a ideia de que uma pessoa pode ficar mais livre, liberta de alguma da sua labuta, ficando mais sábia. Logo use Dharma em disseminação. O seu próximo nível de libertação aceitável para o mundo em geral é que o Homem é um ser espiritual: a ideia de Buda. Contudo, não use isto. Wundt, de Leipzig, eliminou Buda do Ocidente em 1879, quando introduziu a ideia de que o Homem era um animal, logo era legítimo matá-lo. É como a filosofia Cristã, avançada no segundo ou terceiro século DC, segundo a qual o Homem foi concebido no mal e era malévolo, logo era perfeitamente legítimo matar, mutilar, etc. Era [e é] uma justificação para o overt. O Cristão não descobriu que o psicólogo é ateu. Isto é parcialmente devido à desarticulação do psicólogo. A população pensa que a psicologia é estúpida, mas supressivos e governos apoiam-na porque previne a libertação. SPs apoiam assuntos e tecnologia SP. É por isso que o governo apoia a psicologia e a psiquiatria.

Ao disseminar poderia dizer-se: “Você é Cristão, não é?” Então ele admitiu que é um ser espiritual. A reencarnação só foi barrada no Cristianismo nos últimos cem anos. A ideia anterior era que os sujeitos que não tinham sido bastante bons tinham que voltar e viver tudo outra vez. Se você puder arranjar alguém que compre a ideia de que é um ser espiritual, ele está liberto de uma verdade que o poderia armadilhar. Possivelmente é onde você poderia introduzir a ideia de exteriorização, mas eu não aconselho isso.

A Dianética pode dar uma libertação desta vida. É uma libertação formidável! Você “fez” um imortal. As terríveis consequências da morte desaparecem. Você pode começar com a ideia de que há uma mente. A, olhando para B, não vê a mente de B, logo não sabe que B tem uma mente. Ele pode pensar que B só tem um cérebro. Você tem que passar a ideia de que, porque este fulano [o fulano com quem está a falar] tem uma mente, que aquela pessoa tem uma mente. Com a Dianética seguir-se-ia que ele é imortal. Então ele é liberto da ideia de que o Homem é matéria e de que só tem uma vida.

Felizmente, as pessoas sabem que existem coisas tais como uma mente e coisas mentais. Elas não foram totalmente vendidas à teoria dos psicólogos segundo a qual mente = cérebro. Logo você pode entrar e introduzir a ideia de que a mente é composta de imagens. Com um pouco audição de Dianética a pessoa reparará que é imortal, e você tê-la-á libertado da ideia de que ela é matéria. Logo você deverá estar consciente de que pode libertar as pessoas falando com elas, até certo ponto, mas lembre-se: pare sempre em “F/N VGIs”. Não tente comunicar só os dados de cima da carta. Fazer isso avassala as pessoas. Elas têm que vir a perceber isso. À medida que avança na carta de graus fica progressivamente mais impossível falar-lhes daquilo em cima de que elas estão sentadas. Nos Níveis VI e VII, seria fatal. (Uma libertação última seria a libertação do universo).

“Quando dizemos ‘liberar’ queremos dizer ‘libertar’. Nós podemos libertar alguém de uma ideia que o atrai. Ideias são as únicas reais armadilhas, e a pessoa pode ser libertada delas. Há muitos graus de libertação abaixo de zero. Em Zero e acima, estamos a começar a libertar alguém directamente da mente reactiva, tratando-o como ser espiritual. A Nível 0, nós estamos a arrancá-lo de uma massa que lhe diz que ele não pode comunicar. Logo nós temos que o arrancar das massas mentais, assim como das ideias. No Nível VII e acima, não o arrancamos da massa mental. Nós apagamos a massa. Viramo-nos e comemos o tigre. Isso é uma forma de libertação a que nós chamamos ‘claro’. Mas este ser a este nível ainda está no universo e associado ao corpo. Há [por isso] graus de libertação acima de Claro. Não muitas pessoas abaixo do nível de claro parecem mais altas, entretanto, porque Claro é um nível bem triunfante.

Quando obtém uma F/N cale-se, porque você acabou de libertar o PC de alguma coisa. Você tem que saber a razão porque ele obteve a F/N para o passar para Qual [Isto é, você tem que saber em que é que ele foi libertado]. Obtenha estes dados das notas de audição, e não do PC. A maior parte das fases de libertação só tem graus de estabilidade relativa, mas uma libertação nunca se desfaz para o mesmo grau de infernal escuridão onde ele estava antes da libertação. Um Claro é alguém que apagou as barreiras contra postular livremente. Ele pode, neste momento, postular facilmente um banco, e alguns fizeram-no, não reparando que era isso o que estavam a fazer. Um Claro pode postular um banco e então não repara que o fez, ou que pode simplesmente estoirá-lo.

Nós estamos a fazer “Claros” de Dianética. Os apuros que tivemos para fazer isto antes, vieram só de sobre-auditar as pessoas. Também não tente ensinar a um sujeito algo que ele já sabe. É um O/R. Uma pessoa liberta não tende a recair, mas pode ir de encontro ao gesso pegajoso do próximo nível mais alto. Eles não se desfizeram a libertação. Só são empreendedores e especulativos, e isto guia-os para o próximo nível. Alguém que foi liberto e entra no dia seguinte sem F/N, só entrou na próxima massa que irá confrontar.

Os Libertos querem que outros sejam libertos e clarificados. Mas não liberte as pessoas para as melhorar por causa de outros. Ser libertado é algo que é uma recompensa, e não um direito.